

# Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



## O DIA DE YHWH EM SOFONIAS: LIBERTAÇÃO PARA OPRIMIDOS E OPRIMIDAS

The Day of Yahweh in Zephaniah: liberation for the oppressed

Stéfani Niewöhner<sup>1</sup>

### Resumo

Com base em pesquisas bibliográficas, este artigo pretende estudar o conceito do dia de YHWH dentro da profecia clássica do Antigo Testamento, especialmente em Sofonias. No dia de YHWH de Sofonias, o SENHOR traz justiça aos pobres e humildes, às excluídas, à viúva, aos órfãos e aos estrangeiros. O dia de YHWH é um evento que marca o fim de estruturas opressivas e libertação para pessoas oprimidas: homens e mulheres, rurais e urbanas. As acusações dos profetas ainda são muito atuais. Como os profetas, ainda estamos esperando o dia de YHWH. Muitos já foram vividos. Muitos ainda estão por vir.

**Palavras-chave:** Dia de YHWH. Sofonias. Libertação.

### Abstract

Based on bibliographic and exegetical research, this article intends to study the concept of the day of Yahweh within classical Old Testament prophecy, especially in Zephaniah. On the day of Yahweh in Zephaniah, Yahweh brings justice to the poor and humble, to the widow, orphan and foreigners. The day of Yahweh is an event that marks the end of oppressive structures and liberation for the oppressed people: men and women, rural and urban. The accusations of the prophets are still very current. Like the prophets, we are still waiting for the day of Yahweh. Many have already been lived. Many are yet to come.

**Keywords:** Day of Yahweh. Zephaniah. Liberation.

### Considerações Iniciais

A expressão literal “*yom adonai*”, “dia de Javé” ou “dia do SENHOR”, consta 16 vezes na bíblia hebraica: Am 5.18a, 18b, 20; Is 13.6,9; Sf 1.7, 14a, 14b; Ob 15; MI 3.23; Jl 1.15; 2.1,11; 3.4 e 4.14<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Doutoranda em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo/RS. Bolsista CAPES. E-mail: stefaniniewohner@gmail.com

Temos também as variantes “no dia de Javé” em Ez 13.5; “aquele dia” em Jr 30.7; Sf 1.15, cf. Ez 39.8; “naquele dia” em Am 2.16; Is 2.11; Sf 1.9,10; 3.11,16; Jr 30.8; Ag 2.23 e Zc 2.11; ou simplesmente “o dia” em Ml 3.19 e cf. Ez 7.7; e ainda a expressão “dia de Javé” com preposição em Ez 30.3 e Zc 14.1<sup>3</sup>.

Encontramos ainda expressões compostas, como “dia da vingança de Javé” em Is 34.8; “dia da indignação de Javé” em Ez 7.19 e Sf 1.18; “dia da ira de Javé” em Sf 2.2,3 e Lm 2.22; “dia do sacrifício de Javé” em Sf 1.8; e ainda outras expressões como “dia do Senhor, o Javé dos Exércitos” em Is 22.5 e Jr 46.10 e “dia de Javé dos Exércitos” em Is 2.12<sup>4</sup>.

### A origem do conceito

O texto mais antigo que dispomos sobre o dia de Javé é de Amós 5.18-20. Contudo, conforme Gerhard von Rad, o conceito não teria sido cunhado pelo profeta Amos, mas seria um conceito anterior à sua pregação. O dia de Javé era uma noção popular em circulação, uma expectativa de um dia em que Javé vinha interferir na história, se manifestando a favor de Israel, libertando-o de seus inimigos externos. Essa compreensão popular do dia de Javé era conhecida por Amós, que parece inverter e, até corrigir, uma possível concepção vigente e predominante sobre o favor divino que o povo estaria esperando que fosse acontecer nesse dia<sup>5</sup>.

Em suas antigas tradições, Israel conhecia a ideia de uma vinda de Javé para uma intervenção guerreira, acompanhada de fenômenos miraculosos: as “guerras santas” do período do Israel tribal, narradas especialmente no livro de Juízes. A respeito dessas guerras que Javé havia feito no passado, contava-se uma série de circunstâncias miraculosas. Esta relação pode ser observada mais atentamente em Is 9.3, quando o profeta se refere à vitória de Gideão sobre Midiã como “dia dos midianitas” (Is 9.3 cf. Jz 7.9ss). A intervenção divina

<sup>2</sup> JENNI, Ernst. «יָוֵה». In: JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus. *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*. Muenchen: Kaiser, 1971, p. 723; EVERSON, A. Joseph. The Days of Yahweh. *Journal of Biblical Literature*, vol. 93. Montana: Printing Department, 1974, p. 330; HARTMAN, Louis F. Escatology. In: SKOLNIK, Fred; BERENBAUM, Michael. *Encyclopaedia Judaica*, vol. 6, 2 ed. Detroit, MI: Thomson/Gale, Macmillan Reference USA, 2007, p. 489-495; SÆBØ, M. Art. יָוֵה. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer; ANDERSON, George W. *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*, vol. 3. Stuttgart: Kohlhammer, 1982, p. 559-586.

<sup>3</sup> JENNI, 1971, p. 723; EVERSON, 1974, p. 330; HARTMAN, 2007, p. 489-495.

<sup>4</sup> JENNI, 1971, p. 723; EVERSON, 1974, p. 330; HARTMAN, 2007, p. 489-495; RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2 ed. totalmente revisada. São Paulo: ASTE, Targumim, 2006, p. 553.

<sup>5</sup> FERNANDES, Leonardo Agostini. O yôm YHWH, expressão e temática no corpus dos Doze Profetas (Primeira Parte). *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, vol. 12, no. 29, p. 201-221, mai. 2008a, p. 205.

que se espera para o dia de Javé é comparada com aquela ocorrida na batalha de Gideão contra os midianitas (cf. Jz 7.9ss)<sup>6</sup>.

Como havia acontecido nas batalhas lideradas pelos juízes, o povo esperava a intervenção guerreira de Javé também no futuro, libertando-o dos inimigos e ameaças externas. Nas palavras de Amós, porém, percebemos um alerta. Em sua origem, essa teologia da “guerra santa” tinha como base a ideia de salvação para o povo oprimido, Israel, diante das ameaças externas. Acontece que o contexto em que vivem foi alterado: do tribalismo para a monarquia; das tropas populares para o exército de mercenários; das guerras de defesa para as guerras de expansão; do sistema igualitário para o lucro e o comércio. O profeta percebe aí o mau uso dessa teologia por parte das lideranças e dos poderosos de Israel, que se tornaram uma ameaça interna, explorando a população camponesa de Israel para sustentar o Estado. Amós atualiza o conceito para o novo contexto.

O dia de Javé do qual nos falam os profetas, esclarece aos líderes opressores que a salvação esperada para o dia de Javé não pode ser usada para legitimar seus abusos. Os profetas permitem o uso dessa teologia por parte dos que verdadeiramente sofrem e invertem o conceito quando ele é usado pelos poderosos para legitimar sua prática abusiva.

### **O dia de Javé nos profetas**

A manutenção do Estado – corte, exército e seu aparato bélico – se dava através do uso de terras da coroa como forma de pagamento a oficiais e soldados; dos saques de guerra; de eventuais transações comerciais; de tributos pagos por povos vizinhos. Mas quem realmente sustentava o comércio, o exército e a corte eram os camponeses. A partir do advento da monarquia, o modo de produção passou a ser tributário. Para manter a burocracia do Estado e um exército de mercenários, a corte se apropriava de parte da produção dos camponeses (1Rs 5.1-3). Esses impostos se tornaram pesados e, logo, geraram desigualdades. A monarquia e o sistema tributário trouxeram pobreza, opressão, violência, fome e exploração. Só uma minoria recebeu os privilégios e as mordomias desse sistema: a corte e seus líderes. A monarquia era a negação do sistema tribal<sup>7</sup>. Essa denúncia política e social contra os abusos do Estado faz parte da mensagem profética do dia de Javé.

<sup>6</sup> RAD, 2006, p. 555-556; JENNI, 1971, p. 713; HARTMAN, 2007, p. 490.

<sup>7</sup> DREHER, Carlos A. *Os exércitos no Reino do Norte: sua constituição, sua função e seus papéis políticos no conflito social no sistema tributário, segundo distintas avaliações na literatura veterotestamentária*. [Tese

## O dia de Javé em Sofonias (640-623 a.C)

Sofonias é um profeta pré-exílico do reino do sul, Judá. De acordo com o primeiro versículo (1.1), Sofonias teria profetizado nos dias do rei Josias (640-609 a.C.). É provável que o profeta Sofonias tenha atuado quando Josias ainda era uma criança, ou seja, entre os anos 640 e 623 a.C., imediatamente antes da pregação do profeta Jeremias<sup>8</sup>.

Na época de Sofonias, Judá era novamente vassala da Assíria, que cobrava pesados tributos de Judá (2.13-15). Sofonias têm os pés na realidade de seu povo, e denuncia a dominação estrangeira, a idolatria, a injustiça e a corrupção das lideranças.

A mensagem de Sofonias é uma das mais detalhadas sobre o dia de Javé. Sua mensagem sobre o dia de Javé perpassa todo o seu livro, como mensagem de juízo para Judá e para as nações opressoras. o dia de Javé em Sofonias, tem aspectos negativos e positivos; contém ameaça e esperança. Segundo Berlin, o livro de Sofonias é, por inteiro, uma profecia sobre o dia de Javé<sup>9</sup>. O projeto de Sofonias pode ser resumido no dia de Javé e na defesa dos pobres. Sofonias anuncia a proximidade do dia de Javé, reelaborando o tema já trabalhado antes pelos profetas anteriores (Am 5.18-20; 8,9-14; Is 2.6-22)<sup>10</sup>.

### Os opressores

#### *As lideranças*

Em Sf 1.8, Sofonias acusa os “oficiais”. O termo pode designar todas as pessoas em função de liderança administrativa, podendo incluir lideranças militares, religiosas, judiciais, administradores de uma cidade/distrito, profissionais, entre outros. O termo “filhos do rei” frequentemente se refere a oficiais administrativos, que não necessariamente são

---

de Doutorado]. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1999, p. 157-170; DREHER, Carlos A. O surgimento da monarquia israelita sob Saul. In: *A Palavra na Vida*, no. 50. Belo Horizonte: CEBI, 1992, p. 16; SCHMITT, Flávio. O surgimento da monarquia em Israel. *Estudos Bíblicos*, no. 44. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1994, p. 45.

<sup>8</sup> GASS, Ildo Bohn (Org.). *Reino dividido*. Uma introdução à Bíblia, vol. 4., 4 ed. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2007, p. 125.

<sup>9</sup> SWEENEY, Marvin A.; HANSON, Paul D. (Eds.). *Zephaniah: a commentary*. (Hermeneia). Minneapolis: Fortress, 2003, p. 150; BERLIN, Adele. *Zephaniah: a new translation with introduction and commentary*. New Haven; London: Yale University Press, 2008, p. 95-139.

<sup>10</sup> RAD, 2006, p. 553-557.

descendentes do rei. No versículo, o paralelo entre “filhos do rei” e “oficiais” pode denotar os filhos biológicos do rei com algum poder administrativo<sup>11</sup>.

*Os que têm relações com os assírios:*

Ainda em Sf 1.8, estão na lista dos acusados “os que vestem roupas estrangeiras”. O termo designa vestimentas especiais que denotam um caráter oficial ou uma alta posição social. No contexto específico de Sofonias, poderia significar uma identificação com o império Assírio. A ameaça, então, seria uma tentativa de purificar a nação dos laços com o Império opressor<sup>12</sup>.

*Os funcionários cúlticos:*

Em Sf 1.9, a atenção parece recair sobre os funcionários cúlticos. Sweeney aponta que muitos interpretaram a expressão “os que sobem o pedestal dos ídolos” como referência à praticas religiosas pagãs (1Sm 5.4-5). Conforme Sweeney, o termo hebraico não se refere a uma espécie de pedestal ou elevação sobre a qual a arca da aliança e/ou o templo repousava, como outros pesquisadores afirmaram, mas sim, um espaço, um limiar em um portão ou porta do templo e seu pátio<sup>13</sup>. Também a raiz verbal está no modo *qal*, e, assim, poderia ser traduzida como “atravessar”, “passar por cima”. Dessa forma, o profeta estaria acusando aqueles que atravessam a soleira, o limiar do templo, ou seja, os sacerdotes que servem no templo, pois são os únicos que têm acesso ao seu interior<sup>14</sup>. A função do sacerdote é estabelecer santidade e justiça (Nm 18; Dt 16.18 – 17.13), em vez disto, encham o templo de violência (cf. 2 Sm 22.3; Hc 1.2,9) e engano (cf. Am 8.5; Os 12.8).

*Comerciantes e elites sociais*

Em Sf 1.10, temos a “Porta do Peixe”, que localizava-se, provavelmente, ao longo do lado norte da cidade, a oeste do templo (cf. 2Cr 33.14; Ne 3.3; 12.38s.). Seu nome sugere que ali se realizava o mercado de peixes (cf. Ne 13.16), onde os tírios vendiam suas mercadorias aos sábados. O segundo elemento fala do “Novo Distrito” ou “*Mishneh*”, que

<sup>11</sup> SWEENEY, 2003, p. 84.

<sup>12</sup> SWEENEY, 2003, p. 85.

<sup>13</sup> SWEENEY, 2003, p. 85-86.

<sup>14</sup> SWEENEY, 2003, p. 87-88.

era localizado no monte ocidental de Jerusalém, à oeste da cidade de Davi e do Monte do Templo. Conforme 2 Rs 22.14, o local era a morada da profetisa Hulda nos tempos de Josias<sup>15</sup>. Segundo Berlin, essa era uma área residencial habitada pelas classes superiores, e ficava próxima ao centro comercial da cidade<sup>16</sup>. O versículo também fala de um “grande estrondo dos montes”. O termo hebraico se refere ao som de algo sendo quebrado ou ao tremor causado pela destruição das tropas. Os “montes” são os montes que cercam Jerusalém, especialmente a oeste e norte, onde a cidade é mais vulnerável ao ataque inimigo<sup>17</sup>.

Em Sf 1.11 fala aos “moradores de *Makhtesh*”. O termo hebraico, “cavidade”, parece designar uma depressão geográfica na cidade, talvez a parte mais baixa do Vale do Tiropeon, uma área comercial. A referência seguinte, “o povo de Canã está arruinado”, pode ajudar na interpretação. Os cananeus são, geralmente, associados a mercadores e comerciantes (Is 23.8,9; Ez 16.29; Zc 14.21). Também a última referência segue a mesma linha: “os que pesam prata são destruídos”. As duas frases parecem sugerir a extinção das negociações cananeias, que eram, presumivelmente, parte do sistema econômico do Império Assírio. Segundo Sweeney, o versículo visa a dissociação do povo com tudo o que for “cananeu” – economia, comércio, religião e costumes<sup>18</sup>.

Em Sf 1.12, a acusação vai aos “homens apegados à borra do vinho”. Segundo Sweeney, esta frase consiste em uma metáfora para retratar a embriaguez, estado onde não se pensa claramente nem corretamente (Is 5.11-13,22-24; 28.7-13; Jr 51.7-8; Pv 20.1). Conforme Berlin, assim como o vinho que permaneceu tempo demais sobre sua borra e tornou-se espesso e sujeito a mofo, assim as pessoas “coalharam em suas borras”, engrossaram, se apegaram ao estilo de vida indulgente. Para Berlin, a imagem descreve a decadência da classe alta de Jerusalém<sup>19</sup>. Segundo Sweeney, a frase que segue, “e dizem no seu coração: ‘Javé não faz bem, nem faz mal’”, isto é, Javé não tem poder para fazer algo no mundo. Não reconhecer a capacidade de ação de Javé no mundo consiste na base da apostasia<sup>20</sup>. No v.13, o saque dos bens e a assolação das casas, são consequências

<sup>15</sup> SWEENEY, 2003, p. 89.

<sup>16</sup> BERLIN, 2008, p. 85-93.

<sup>17</sup> SWEENEY, 2003, p. 89.

<sup>18</sup> SWEENEY, 2003, p. 92.

<sup>19</sup> BERLIN, 2008, p. 85-93.

<sup>20</sup> SWEENEY, 2003, p. 94-95.

anunciadas diretamente aos apóstatas, pois Sofonias considera que seus bens foram adquiridos através da cooperação com os assírios e sua rede de comércio.

#### *Os militares:*

Em Sf 1.14,16-17, fala do “guerreiro”, acrescentando os líderes militares à lista dos opressores. De um lado, o Estado sustenta e garante a coerção do exército, e, de outro, o exército garante a manutenção do Estado opressor e impede que os camponeses se rebellem.

#### *Oficiais e juízes:*

Em Sf 2.3, oficiais e juízes são como animais predadores, que caçam os fracos. Conforme Berlin, Sofonias estaria descrevendo os juízes como animais que não deixam nem sequer um osso de sua presa pela manhã, isto é, mais vorazes que lobos, que não comem os ossos de suas presas<sup>21</sup>.

#### *Profetas*

No v. 4, os profetas são acusados por irresponsabilidade. Audaciosos, eles proferem palavras que Deus não lhes deu (cf. Jr 23.32), suas falsas profecias enganam o povo. Os sacerdotes parecem não distinguir entre o sagrado e o profano (cf. Ez 22.26). Era seu dever decidir questões de culto e até mesmo casos civis e criminais (Dt 17.8-13).

#### *Povos vizinhos opressores:*

Em Sf 2.4, temos uma lista de quatro cidades filisteias, citadas de sul a norte: Gaza, Ascalom, Asdode e Ecom. Essa lista aparece também em Am 1.7–8; Jr 25.20 e Zc 9.5–6, de forma que se conclui que já havia se tornado uma fórmula comum. Zalcman<sup>22</sup> analisa o duplo sentido no anunciado para cada uma das quatro cidades. Os quatro verbos que aparecem podem ser aplicados tanto para descrever status amargos de uma mulher como de cidades. As quatro cidades foram personificadas como mulheres abandonadas por seus maridos. O primeiro termo se refere a uma mulher que foi abandonada por seu marido (cf. Is

<sup>21</sup> BERLIN, 2008, p. 95-139.

<sup>22</sup> ZALCMAN, L. *Ambiguity and Assonance at Zephaniah II 4*. Leiden: E. J. Brill, 1986, p. 365-371.

54.6; 60.15; 62.4; Jr 4.29). O segundo, descreve uma mulher arruinada, desolada (cf Is 62.4, 2 Sm 23.20). O terceiro verbo é usado para falar do divórcio de uma esposa (Lv 21.7; 21.14; Ez 44.22). E o último termo é usado no Hebraico Rabínico para designar uma mulher estéril. Enquanto as cidades filisteias são comparadas a mulheres abandonadas, Jerusalém aparece em contraste como uma mulher cujo marido (Javé) retorna para casa<sup>23</sup>. Gordis percebe no versículo uma escala ascendente de sofrimento associado com as mulheres<sup>24</sup>: Gaza será abandonada como uma noiva abandonada pelo noivo, Ascalom será desolada como uma esposa abandonada pelo marido, Asdode será conduzida para fora como uma mulher divorciada, e Ecron será desarraigada como uma mulher estéril<sup>25</sup>.

Em Sf 2.8, as acusações vão para os vizinhos do leste de Judá, Moabe e Amom. A expressão “se engrandecer sobre”, segundo Berlin, pode significar uma postura arrogante ou mesmo uma expansão territorial.

Em Sf 2.13, Sofonias cita a Assíria. Segundo Berlin, a palavra pode significar “Assur”, a antiga capital da Assíria, ou todo o país da “Assíria”. Como estão em pauta vários países, é mais provável que o texto se refira ao país da Assíria<sup>26</sup>.

### Oprimidos e oprimidas

Segundo Sweeney, percebemos que o profeta começa a preparar o caminho para falar de uma possibilidade de salvação, que fica clara em Sf 2.3<sup>27</sup>. O v.3 inicia com uma ordem: “busquem a Javé”. Conforme Rudolph, assim como Amós (Am 5.4-6.14), também Sofonias conhece a possibilidade de salvação pelo caminho da conversão. O profeta anuncia esperança para os “humildes da terra”. Conforme Schwantes, estes são os lavradores empobrecidos<sup>28</sup>.

Estes lavradores, por um lado, já se encontram na trilha do direito e, por outro lado, são convocados a ela. São justos e estão sendo impelidos à justiça. Sua justiça

<sup>23</sup> SWEENEY, 2003, p. 122-123.

<sup>24</sup> GORDIS, R. *A Rising Tide of Misery: A Note on a Note on Zephania II 4*. Supplements to Vetus Testamentum, vol. 37. Leiden: E. J. Brill, 1987.

<sup>25</sup> SWEENEY, 2003, p. 123.

<sup>26</sup> BERLIN, 2008, p. 95-139.

<sup>27</sup> SWEENEY, 2003, p. 115.

<sup>28</sup> SWEENEY, 2003, p. 51; SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e esperança no Exílio: História e teologia do povo de Deus no século VI a.C.*, 3 ed. São Leopoldo: Oikos, 2009, p. 50.

reside em estarem sendo injustiçados. São convocados para a justiça, porque esta está em Javé, em cuja soberana decisão também está o destino dos pobres<sup>29</sup>.

A expressão “humildes da terra” é comum no Antigo Testamento (cf. Am 8.4; Is 11.4; Sl 76.10). Fica claro o antagonismo entre as pessoas e grupos citados na perícopes anterior e os humildes da terra. Arrogantes e humildes, poderosos corruptos e camponeses empobrecidos estão contrapostos.

O trecho de Sf 3.11-13 é muito interessante. “A capital é ameaçada de juízo. Mas este não atingirá a todos por igual”. Os soberbos serão retirados. Mas os oprimidos e empobrecidos serão resgatados (Sf 2.3; 3.12,13).

A mensagem de Sofonias é, também, a mais detalhada sobre a ideia de um remanescente/resto. Em Sf 3.12, Javé pronuncia seu anúncio de salvação: um resto será deixado. Esse resto é formado por um “povo oprimido e empobrecido”. Em paralelismo, os termos aparecem associados 7 vezes (Am 2.7; Is 10.2; 11.4; 26.6; Pv 22.22; Sl 82.3; Jó 34.28). Conforme Schwantes, o termo hebraico “*ani*” se refere àquele que foi “encurvado”, “oprimido”. É compreendido a partir da raiz “abaixar-se”, “encolher-se”, especialmente no *piel*, onde exprime violência, “curvar”, “oprimir”. O termo hebraico “*dal*” significa “pequeno”, “fraco”. No sentido socioeconômico, é aquele que foi “empobrecido”.

Segundo Schwantes, esses termos geralmente se referem a camponeses com alguma autonomia econômica e jurídica que foram explorados e empobrecidos, endividados e escravizados. Outra possibilidade é que esses pobres sejam gente da cidade, não do campo, já que o versículo descreve que este “povo oprimido e empobrecido” é de Jerusalém. Estes oprimidos também são os pobres, como em Sf 2.3. Contudo, à diferença de 2.3, estes oprimidos são de Jerusalém, da cidade, não do campo. São as viúvas, os órfãos, os escravos, as escravas, os empregados: pessoas que dependem daqueles orgulhosos arrogantes, que vivem na soberba (cf. Is 3.13-15; 10.1-2; 14.32).

No final de Sofonias, encontramos mais informações sobre os oprimidos e oprimidas, a quem o profeta anuncia a esperança. Em Sf 3.19a, o profeta anuncia: “E libertarei a que manca, a expulsada reunirei”. Segundo Schwantes, Sofonias poderia mencionar os “pobres” como fez até aqui (Sf 2.3; 3.12). Mas, prioriza deficientes e enjeitados. E na forma feminina do hebraico!

<sup>29</sup> SCHWANTES, 2009, p. 50.

## Considerações Finais

Sofonias analisa o sistema do Estado e percebe um problema. Quem sustenta a cidade é o povo oprimido do campo e das cidades. O Estado – corte, exército, templo – vive às custas do camponês, do órfão, da viúva. A cidade exige parte da produção dos camponeses para si. Os juízes não defendem o direito do órfão, da viúva e do estrangeiro. As lideranças lucram empobrecendo e endividando os pequenos. O poder coercitivo do exército garante a exploração. Além disso, cidades estrangeiras oprimem o povo. Exércitos matam e saqueiam. Nações escravizam, fazem vassallos, impõem sua cultura, sua religião, cobram altos impostos. É por isso que o profeta anuncia o fim das cidades e o fim dos cargos abusivos.

O anúncio de Sofonias é duplo: o juízo vai para as lideranças corruptas e opressoras, que serão retiradas de Jerusalém; a salvação, o profeta anuncia para os “oprimidos da terra” e para um “resto”, um “povo oprimido e empobrecido”, que formará uma nova civilização. Os oprimidos de quem nos fala Sofonias são vítimas dos poderosos (Jó 24.4), estão em contraste com os opressores arrogantes (Is 11.4; Sf 2.15; 3.11) e são vítimas dos comerciantes gananciosos (Am 8.4; Sf 1.11). São eles que mantêm toda a estrutura injusta e opressora de Jerusalém – corte, exército, templo e comércio. Sofonias anuncia a salvação para quem procurar a Javé, cumprir o seu juízo e procurar a justiça e a humildade (Sf 2.3).

Os oráculos profetizados por Sofonias foram conservados por seus discípulos, pois eram palavras de orientação e estímulo, eram orientação e concretização do projeto de Javé. Além disso, nem vinte anos se passaram e sua profecia começou a se cumprir. Em 612 a.C., os medos e babilônios assaltaram e destruíram o império Assírio e sua capital, Nínive. Mais tarde, o juízo viria também para Judá.

Por um curto período, a profecia até se cumpriu. O Estado – a corte, o exército e o templo – foi destruído. Aliás, a cidade toda ficou em ruínas. As elites foram deportadas e os camponeses espoliados recuperaram suas terras. Contudo, o protagonismo dos pobres se cumpriu por pouco tempo. A opressão não teve fim. A paz não se manteve em Judá. Outros impérios e outros poderosos se levantaram para oprimir, explorar e empobrecer camponeses, órfãos, viúvas e estrangeiros.

A mensagem dos profetas sobre o dia de Javé se mostra relevante nos dias de hoje. Atualmente, ainda vemos opressão, corrupção, violência, injustiça e guerras. No Brasil, neste

momento, milhões estão indo às ruas para protestar e dar seu posicionamento político. Assim como os profetas do Antigo Testamento fizeram diferentes leituras de seus contextos, o povo brasileiro agora mostra sua indignação, alguns grupos se manifestam contra todo o sistema de corrupção, outros acusam determinados partidos políticos, outros formam grupos a favor desses partidos. Assim como na mensagem profética, a expectativa que se tem quanto ao dia de Javé se apresenta de maneira diferente para o povo e para as lideranças envolvidas nas acusações. Percebe-se uma dificuldade na leitura instantânea da conjuntura política, econômica e social; o país se mostra confuso, dividido. Esperamos por um julgamento justo, onde a verdade possa transparecer e toda e qualquer corrupção, independentemente de partido político, seja desmascarada.

Assim como Sofonias e outros profetas, queremos o afastamento dos arrogantes corruptos e injustos e a salvação dos pobres, pequenos e oprimidos. As acusações dos profetas ainda se mostram muito atuais no mundo pós-moderno: o acúmulo das elites, a corrupção das lideranças políticas, os abusos de líderes religiosos, a falta de justiça no sistema judiciário, abuso de poder das lideranças militares, práticas brutais de guerra, etc. Enquanto isso, a população paga a conta. Esperamos por um tempo de honestidade, incorruptibilidade, respeito, justiça e paz. É necessário desconstruir as estruturas vigentes de poder. Mas não só. É necessário reconstruir, repensar, refazer caminhos. Ainda esperamos pelo dia de Javé. Muitos já foram vividos. Muitos ainda estão por vir.

## Referências

BERLIN, Adele. *Zephaniah: a new translation with introduction and commentary*. New Haven; London: Yale University Press, 2008.

DREHER, Carlos A. O surgimento da monarquia israelita sob Saul. In: *A Palavra na Vida*, no. 50. Belo Horizonte: CEBI, 1992.

\_\_\_\_\_. *A. Os exércitos no Reino do Norte: sua constituição, sua função e seus papéis políticos no conflito social no sistema tributário, segundo distintas avaliações na literatura veterotestamentária*. [Tese de Doutorado]. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1999.

EVERSON, A. Joseph. The Days of Yahweh. *Journal of Biblical Literature*, vol. 93. Montana: Printing Department, 1974.

FERNANDES, Leonardo Agostini. O yôm YHWH, expressão e temática no corpus dos Doze Profetas (Primeira Parte). *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, vol. 12, no. 29, p. 201-221, mai. 2008a.

GASS, Ildo Bohn (Org.). *Reino dividido*. Uma introdução à Bíblia, vol. 4., 4 ed. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2007.

GORDIS, R. *A Rising Tide of Misery: A Note on a Note on Zephania II 4*. Supplements to Vetus Testamentum, vol. 37. Leiden: E. J. Brill, 1987.

HARTMAN, Louis F. Eschatology. In: SKOLNIK, Fred; BERENBAUM, Michael. *Encyclopaedia Judaica*, vol. 6, 2 ed. Detroit, MI: Thomson/Gale, Macmillan Reference USA, 2007.

JENNI, Ernst. «יִדִּים». In: JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus. *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*. Muenchen: Kaiser, 1971.

RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2 ed. totalmente revisada. São Paulo: ASTE, Targumim, 2006.

SÆBØ, M. Art. יִדִּים. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer; ANDERSON, George W. *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*, vol. 3. Stuttgart: Kohlhammer, 1982.

SCHMITT, Flávio. O surgimento da monarquia em Israel. *Estudos Bíblicos*, no. 44. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1994.

SWEENEY, Marvin A.; HANSON, Paul D. (Eds.). *Zephaniah: a commentary*. (Hermeneia). Minneapolis: Fortress, 2003.

ZALCMAN, L. *Ambiguity and Assonance at Zephaniah II 4*. Leiden: E. J. Brill, 1986.

SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e esperança no Exílio: História e teologia do povo de Deus no século VI a.C.*, 3 ed. São Leopoldo: Oikos, 2009.